



Maurício Geoffroy entrou na Poli em 2002 e, em cinco anos, formou-se em Engenharia de Produção, sem nenhuma DP. Queria trabalhar no setor financeiro e durante o curso fez estágios no Citibank, na área de investimentos, e na Hedging Griffo, na área de fusões e aquisições. Hoje, aos 25 anos, trabalha na Bracor, uma organização terceirizadora de imóveis para grandes empresas. O colégio, a Poli e as atividades do engenheiro de produção são os temas de sua entrevista.

► **Maurício Geoffroy**

“O engenheiro de produção precisa ter um lado empreendedor muito forte.”

JC – Quando você começou a pensar em Engenharia, mais especificamente em Produção, como carreira? E quando se decidiu realmente?

Maurício – Quando entrei no Etapa, ainda tinha uma dúvida entre Engenharia e Administração. Mas estava tendendo mais a fazer Engenharia. Por mais que goste de escrever, eu tinha uma paixão grande por Matemática, Física e Química, gostava muito de trabalhar com raciocínio lógico. Optei por Engenharia de Produção por ser uma formação, acredito, tão gerencial como Administração, mas com uma abrangência maior e capacidade de trabalhar com implementação dentro das empresas. Acho que dá uma visão mais completa, em relação à Administração.

Como conheceu o colégio? O que o motivou a vir estudar aqui?

O Etapa veio através de conversas com amigos, pessoas que já tinham estudado aqui e recomendaram. Eu gostava muito da escola em que estudei desde o jardim de infância até a 8ª série. Tinha muitas amizades, tive muito aprendizado, havia um foco grande em línguas, que eu adoro, lá eu estudava Inglês, Francês e Espanhol. Mas eu queria algo mais, queria entrar direto na USP. Quando estava próximo de terminar a 8ª série, comecei a buscar opções. Recebi forte recomendação de dois colégios, um deles era o Etapa. Fiz prova nos dois, passei nos dois e me matriculei no Etapa, que, na minha percepção, me daria muito mais disciplina e aumentaria ainda mais minha vontade de aprender. Foi a opção certa.

Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Eu abri um pouco o leque. Meu objetivo sempre foi a USP,

mas prestei também Unicamp, para Engenharia de Controle e Automação [Mecatrônica], UFSCar, para Engenharia de Produção, e FEI.

Você passou em todos?

Passei em todos. A FEI não divulgava a classificação, mas eles vieram me parabenizar, porque eu tinha me classificado entre os 10 primeiros. Na UFSCar, eu fiquei em 5º na Engenharia e em 3º na especialização. Na Unicamp, entrei na 2ª lista. E na USP entrei na 3ª chamada.

No 3º ano do colégio, você tinha certeza de que seria aprovado na Fuvest?

Certeza, certeza, eu não tinha. Mas tinha confiança. Estudei os três anos inteiros muito forte para isso, procurando conhecer bem os assuntos para chegar o mais preparado possível no final do 3º ano. Não estava trabalhando com →

Nesta Edição

entrevista	●
Carreira – Engenharia de Produção	1
desafio	●
Um por dia(?)	4
conto	●
O macaco azul – Aluísio Azevedo	5
artigo	●
Maior serpente viveu na Colômbia	7
pois é, poesia	●
Luís Vaz de Camões	8

a hipótese de não passar. Se não desse, pelo menos eu ia ter a sensação do dever cumprido. Mas eu tenho facilidade por gostar de aprender, gostar de estudar. E o Etapa cria uma disciplina, faz com que você tenha vontade de adquirir mais conhecimento e estude frequentemente.

Você mudou seu ritmo de estudos no 3º ano?

Era hora do gás final. Aumentei um pouco o ritmo, principalmente no segundo semestre, e diminuí um pouco a minha vida social. Mas, curiosamente, entre a 1ª e a 2ª fase da Fuvest, próximo do *réveillon*, fui entrevistado pela TV Cultura, estava todo queimado da praia, e eles falaram: “Puxa, você está aí todo queimado, e o vestibular?” Até brinquei com eles: “Isso faz parte, acaba colaborando.” Não deixei de ter um *réveillon*, não deixei de ir à praia por estar com o vestibular perto, mas levei meus livros e não parei de estudar. A descontração ajuda bastante. E é assim que procuro fazer até hoje o meu dia a dia.

Sua luta para cursar Engenharia de Produção não terminou no vestibular, porque o ingresso na Poli era em Engenharia. No início do 2º ano o aluno entrava em uma Grande Área e só no final do 2º ano, conforme seu desempenho no Biênio, podia escolher uma especialidade. Como você enfrentou esse desafio?

Na verdade, no 1º ano eu comecei atrás, mas estava muito focado e aí senti a diferença que foi ter feito o Etapa. O ritmo a que eu tinha me acostumado no colégio me ajudou a ter um desempenho muito bom no 1º ano e, principalmente, no 2º, já na Grande Área Mecânica. Para entrar em Produção, do 2º para o 3º ano, precisava ter a média mais alta, acima de 7. Eu consegui e fiquei até numa posição razoável.

Como foi sua adaptação na faculdade?

O começo na Poli não é fácil. O início é muito técnico, no 1º ano é muita ciência e pouca prática. Para quem, como eu, que me via no futuro trabalhando em banco, ter Física, Álgebra Linear, Cálculo, matérias muito científicas, de certa forma colocava um pouco em questão se estava no lugar certo, fazendo o que realmente queria. Mas, superada essa fase, tive muita certeza. A partir do 2º ano, eu vi que a minha formação ia ser muito forte.

Além da parte acadêmica, o que mais você fez na época da Poli?

Eu segui regularmente com minhas aulas de Inglês e Espanhol. Na época, eu trabalhava com meu pai – trabalhava com ele dos 15 anos até fazer meu primeiro estágio na Poli. Ele tinha um centro automotivo, eu trabalhava nas horas de folga, tocava mais a parte administrativa. Também, a partir dos 15 para 16 anos, até fazer 22, 23 anos, trabalhei como monitor de acampamento. Todo final de semana, praticamente, eu estava em algum acampamento, trabalhando com escolas. Foi uma experiência excelente, que eu trago até hoje para o meu dia a dia, ter sabido lidar com crianças de diferentes classes. Aos 20 anos, montei um grupo de recreação e comecei a fazer festas infantis nos fins de semana. Com isso eu conseguia pagar o meu clube e cobrir todos os gastos pessoais.

O que você estudou em cada ano na Poli?

No 1º ano, como eu disse, é matéria mais científica, mais geral. Muito foco em Cálculo nos dois primeiros semestres. Álgebra Linear, Geometria, Introdução à Engenharia, que era uma matéria um pouco mais teórica, Química, Física. No 2º ano, entrou Cálculo Numérico, Mecânica, que no caso já fazia parte da Grande Área Mecânica, continuou Física e

começamos a ver matérias mais ligadas à Mecânica, como Projeto do Sistema Mecânico, Mecânica de Sólidos, Economia, Introdução à Manufatura, Eletricidade, Mecânica dos Fluidos.

E a partir do 3º ano?

Contabilidade, Sistemas de Informação, Tecnologia de Informação, Engenharia e Sociedade, que é um pouco da história da Engenharia e da aplicação no mercado de trabalho, Termodinâmica, depois Probabilística, Engenharia Financeira, Controle de Qualidade, Organização do Trabalho, PPCP [Planejamento, Programação e Controle da Produção], Projeto de Fábrica – tem muita matéria na Produção ligada ao chão de fábrica, à indústria. Tem muitas matérias econômicas também, como Engenharia Econômica e Financeira, Estatística, Gestão de Projetos, que é muito interessante. E você vê Logística.

Como descreve o tempo que passou na faculdade?

Eu diria que é um constante desenvolvimento, ao longo dos anos você cria uma bagagem cada vez maior.

Quando você começou a fazer estágio?

No meio do 6º semestre eu tive a possibilidade de começar a fazer estágio. Eu queria ir para uma instituição global e estava na dúvida entre Citibank e BankBoston. Prestei os dois, passei nos dois. Eram duas áreas em que eu gostaria de atuar. No Citibank, com investimentos, trabalhando com produtos; no BankBoston, na tesouraria. Acabei optando pelo Citi, mais pelas condições de acesso. Fica próximo de metrô, facilitava muito. Na época eu não tinha carro.

Quanto tempo você estagiou no Citi?

Fiquei de agosto de 2004 a fevereiro de 2006. E passei por três áreas: entrei na área de investimentos, comecei a entender de fundo de investimento, alocações financeiras, montagem de carteira para investidores e até comercialização de produtos. Quando percebi que essa não era exatamente a área que eu estava buscando, eles me deram a oportunidade de trabalhar na tesouraria, em um projeto temporário. O Citi estava para lançar o CDB, um produto de tesouraria, e eles queriam mapear a indústria, fazer um gerenciamento da captação da carteira. Tinha de criar ferramentas de acompanhamento, de gestão da captação e resgate dos clientes, mapear as indústrias, os produtos que as empresas estavam oferecendo. Trabalhei basicamente com programação, criei algumas planilhas de controle para gerenciar e acompanhar a evolução da captação, de acordo com vários “nichos” de clientes. Depois de quatro meses, fui para a área de planejamento estratégico do Citi, onde fiquei cerca de seis meses.

Essa foi a terceira área. Aí você saiu do Citibank?

Eu não tinha interesse de sair, estava gostando da área de planejamento, mas surgiu uma oportunidade na Hedging Griffó [hoje, Credit Suisse-Hedging Griffó], de trabalhar com M&A [Mergers and Acquisitions – fusões e aquisições]. Quando estava no meio da faculdade eu tinha muita vontade de trabalhar com *asset management* [gerenciamento de bens], tesouraria e M&A. Como disse, entrei na Engenharia de Produção querendo trabalhar em banco, na área financeira.

Na Hedging Griffó foi estágio também?

Foi estágio. Passei por um processo seletivo e fiquei na Hedging Griffó cerca de nove meses, até novembro de 2006.

O que você fazia lá?

A área de M&A, que é fascinante. Você tem um



aprendizado riquíssimo. A gente trabalhava em dois campos principalmente, um de fusões e outro de consultoria. No campo de fusões, digamos que atendendo um cliente interessado em uma compra, o trabalho ia desde identificação de potenciais empresas a serem compradas, avaliação dessas empresas, início de negociação – numa forma muitas vezes ainda confidencial – e a partir daí intermediar a negociação, objetivando uma fusão ou a compra. Também trabalhei com clientes *private equity*.

O que é um cliente *private equity*?

É um conglomerado financeiro que investe em empresa com objetivo de aumentar seu valor. Normalmente, compra-se a empresa que está subavaliada e em que se enxerga potencial. Aí faz o que é chamado de *turn around*, uma reestruturação para que a empresa valha muito mais em um prazo que gira em torno de três a cinco anos.

Você disse que ficou nove meses nesse estágio. Por que saiu?

Eu gostei bastante do trabalho na Hedging Griffó, era uma área dinâmica e analítica, com muitas apresentações para fazer, mas senti que faltava um lado comercial. O lado comercial das fusões em que eu trabalhei era feito pelo meu chefe. Eu só trabalhava operacionalizando os estudos. Passei nove meses estudando balanços e mercados, fazendo apresentações em Português, Inglês, Espanhol, conversando com grupos do mundo inteiro. Muito interessante, mas faltava o viés comercial.

Hoje, você trabalha na Bracor. O que essa empresa faz?

Seu principal objetivo é prover soluções imobiliárias para grandes empresas, agindo como terceirizador. Por exemplo, compra um imóvel de uma empresa, dando caixa para que ela invista na sua operação, e estabelece um contrato de longo prazo de locação do imóvel. Outro método é viabilizar uma construção sob medida. Uma empresa precisa se expandir, instalar uma nova fábrica, então a Bracor busca uma localização, compra o terreno, desenvolve o projeto em conjunto, de acordo com a necessidade do cliente, e contrata uma construtora. Uma vez concluído o projeto, aluga o imóvel para a empresa, também por longo prazo. Esse tipo de solução de investimento, usado no mundo inteiro, é chamado de *build-to-suit*, que é construir sob medida. Eu participo de todas as fases, desde a primeira necessidade do cliente até o fechamento dos contratos com construtoras.

Em seus outros trabalhos, você era estagiário. Na Bracor você entrou como contratado?

Isso. Na época, a Bracor estava com cinco meses de existência. Foi uma grande aposta minha, que deu certo. Eu estava no último mês da Engenharia de Produção, tinha muita vontade de fazer um programa de *trainee* e, mesmo trabalhando na Hedging Griffó, vinha estudando várias alternativas. Mas abri mão. Tive um *feeling* de que a Bracor seria um projeto vencedor, de sucesso. Eu acabei crescendo junto com a empresa. Não tenho dúvida de que se tivesse seguido outro caminho não teria crescido tão rápido.

Como está o mercado hoje para o engenheiro?

A Engenharia é o termômetro da economia do país. O Brasil é uma economia emergente e, como o próprio nome diz, tem toda a tendência de crescimento. Os engenheiros seguem essa tendência. Acho que tem muito espaço ainda para engenheiro, administradores e outros profissionais no mercado. Inclusive porque, com esse mercado tão sofisticado, hoje se necessita de atualização frequente.

Você pretende continuar estudando?

Tenho muito interesse. Acho que não dá para parar. Eu procuro me atualizar muito sobre o meu mercado, mas tenho plano de fugir um pouco, fazer um MBA na área de finanças ou em uma área que me interessar mais. Vou procurar definir este ano para, quem sabe, começar no ano que vem.

Em uma entrevista de emprego, o que você acha que diferencia uma pessoa de outra?

O fato de ter feito USP me abriu portas em várias empresas. Mas acho que a partir de determinado grau – vamos colocar aí a partir do 3º ano de formado – começa a prevalecer a experiência profissional. Mas não tenha dúvida de que o fato de ter feito uma boa faculdade e ter tido uma boa formação acaba ajudando na sua vida inteira.

Como você se vê profissionalmente daqui a 10 anos?

Meu objetivo é permanecer onde estou e espero crescer cada vez mais dentro da organização. Eu me projeto ocupando uma posição cada vez mais gerencial, como já vem acontecendo. Eu gosto muito de auxiliar as pessoas que estão à minha volta e espero poder cada vez mais agregar valores para a empresa, para mim mesmo e para a sociedade como um todo.

Quais são as qualidades que a pessoa precisa ter para se encaixar na Engenharia de Produção?

Acho que o perfil do engenheiro de produção é de uma pessoa comunicativa, que goste de trabalhar com gerenciamento e tenha iniciativa, porque os campos de atuação são variáveis e você tem sempre de fazer a coisa acontecer. Do meu ponto de vista, o engenheiro de produção precisa ter um lado empreendedor muito forte.

Que recordações você tem do colégio?

Muito aprendizado, muita disciplina. O fato de ter prova todo dia faz com que você crie a responsabilidade de estudar constantemente. No Etapa, eu aprendi ainda mais a gostar de aprender. Outra coisa de que me lembro muito é da turma. Como a gente era feliz e se divertia! A parte social do colégio é muito legal, tinha campeonatos de futebol, meu time chegou a ser campeão uns anos. Adorava jogar futebol com a turma. A gente saía bastante, fazia muita atividade fora do colégio. Também tenho saudade daquele constante aprendizado e dos professores, que são 10. O Etapa tem esse diferencial de oferecer ao aluno aulas de qualidade. Qualidade não só em termos de conhecimento, mas na metodologia acima de tudo. As aulas do Etapa são muito bacanas.

Jornal do Colégio ETAPA

Jornal do Colégio ETAPA

Editado por Etapa Ensino e Cultura
Redação: Rua Vergueiro, 1 987
CEP 04101-000
Paraíso – São Paulo, SP

Jornalista Responsável
Egle M. Gallian – M.T. – 15343